

“Uma leitura essencial para os amantes de mistérios e admiradores
da ficção literária de primeira qualidade.” – *LIBRARY JOURNAL*

LOUISE
PENNY

O MAIS
CRUEL DOS
MESES

— UM CASO DO INSPETOR GAMACHE —
Série com mais de 10 milhões de livros vendidos

O MAIS CRUEL DOS MESES

UM



AJOELHADA NA GRAMA ÚMIDA E PERFUMADA da praça de Three Pines, Clara Morrow escondia cuidadosamente o ovo de Páscoa e pensava em invocar os mortos, algo que planejava fazer logo após o jantar. Ao afastar do rosto uma mecha embaraçada de cabelo, sem querer sujou a testa com pedacinhos de grama, lama e outras coisas marrons que podiam muito bem não ser lama. Os moradores perambulavam ao redor com cestas de ovos em cores vivas, procurando esconderijos perfeitos. Sentada no banco no meio da praça, Ruth Zardo lançava ovos ao acaso, embora de vez em quando tomasse impulso para acertar a nuca ou a bunda de alguém. Tinha uma mira surpreendentemente boa para uma mulher tão idosa e tão perturbada, pensou Clara.

– Você vai hoje à noite? – perguntou Clara, tentando distraí-la para que não mirasse em monsieur Béliveau.

– Está doida? Os vivos já são ruins o suficiente, por que eu ia querer trazer alguém do mundo dos mortos?

Com essa tirada, Ruth acertou monsieur Béliveau bem no cocuruto. Por sorte, ele usava uma boina. Também por sorte, nutria uma enorme afeição pela empertigada senhora de cabelos brancos ali no banco. Ruth escolhia bem suas vítimas. Quase sempre eram pessoas que gostavam dela.

Ser atingido por um ovo de chocolate não seria um grande problema, mas aqueles não eram de chocolate. Eles só cometeram esse erro uma vez.

ALGUNS ANOS ANTES, QUANDO THREE PINES DECIDIRA fazer uma caça aos ovos no domingo de Páscoa, todos ficaram empolgados. Os moradores

se encontraram no Bistrô do Olivier e, entre drinques e pedaços de queijo brie, dividiram os sacos com os ovos de chocolate que seriam escondidos no dia seguinte. Exclamações com uma pontinha de inveja preencheram o ar. Quem dera fossem crianças de novo! Mas o prazer deles certamente viria de ver a alegria no rosto dos pequenos. Além disso, talvez as crianças não encontrassem todos os ovos, principalmente aqueles escondidos atrás do balcão do bistrô.

– São lindos – disse Gabri, pegando um pequeno ganso de marzipã esculpido com primor e arrancando sua cabeça com uma mordida.

– Gabri! – repreendeu Olivier, seu marido, tirando o que restava do ganso da mão enorme dele. – São para as crianças!

– Sei. Você quer é ficar com tudo – rebateu Gabri, virando-se para Myrna e murmurando para que todos ouvissem: – Genial. Gays oferecendo chocolates para crianças. Vamos alertar a patrulha da moral e dos bons costumes.

O rosto muito branco e tímido de Olivier ficou todo vermelho.

Myrna sorriu. Embrulhada em um vibrante cafetã roxo e vermelho, ela própria estava festiva como um ovo de Páscoa.

Grande parte do vilarejo se encontrava no bistrô, amontoadas ao redor do longo balcão de madeira polida, embora alguns estivessem jogados nas velhas e confortáveis poltronas espalhadas pelo lugar, todas à venda. O bistrô também era um antiquário; discretas etiquetas pendiam de tudo que havia ali, inclusive de Gabri, quando ele se sentia pouco apreciado.

Era início de abril e o fogo crepitava alegremente nas lareiras do bistrô, lançando sua luz acolhedora nas largas tábuas de pinho do piso, tingidas de âmbar pelo tempo e pelo sol. Os garçons circulavam com desenvoltura pelo salão de vigas aparentes, oferecendo bebidas e o macio e cremoso queijo brie da fazenda de monsieur Pagé. O bistrô ficava no coração do antigo vilarejo quebequense, bem na praça. Dos seus dois lados, ligadas umas às outras por portas de comunicação, ficavam as outras lojas, envolvendo a vila em um abraço de tijolos envelhecidos. A mercearia de monsieur Béliveau, a *boulangerie* de Sarah, depois o bistrô e, finalmente, a livraria de Myrna. Os três pinheiros do outro lado da praça estavam ali desde sempre, como sábios que haviam encontrado o que procuravam. Ruas de terra batida irradiavam da praça, serpenteando em direção às montanhas e florestas.

Mas Three Pines em si era um lugar esquecido. O tempo girava, rodopia-

va e às vezes esbarrava ali, mas nunca se demorava muito ou deixava uma forte impressão. Aninhado no seio das escarpadas montanhas canadenses, o vilarejo ficava protegido, escondido, e raramente era encontrado sem ser por acaso. Às vezes um viajante exausto chegava ao topo da colina e, ao olhar para baixo, via, como Shangri-Lá, a convidativa circunferência de casas antigas. Algumas eram de pedras brutas desgastadas, construídas por colonos empenhados em limpar o terreno das árvores de raízes profundas e das rochas pesadas. Outras eram de tijolinhos vermelhos, erguidas por legalistas – indivíduos que se mantiveram leais à Coroa britânica à época da Guerra de Independência dos Estados Unidos e migraram para o Canadá desesperados por um refúgio. Outras, ainda, tinham os íngremes telhados de metal das casas quebequenses, com suas simpáticas empenas e seus alpendres amplos. No ponto mais distante da praça ficava o Bistrô do Olivier, que oferecia *café au lait*, croissants fresquinhos, boas conversas, companhia e gentileza. Uma vez encontrada, Three Pines jamais era esquecida. Mas só quem se perdia a encontrava.

Myrna olhou para Clara, que lhe mostrou a língua. Myrna mostrou a dela também. Clara revirou os olhos. Myrna fez o mesmo, enquanto se sentava ao lado dela no sofá macio de frente para a lareira.

– Você andou fumando adubo de novo enquanto eu estava em Montreal?

– Não dessa vez – respondeu Clara, rindo. – Tem uma coisa no seu nariz.

Myrna tateou o rosto e encontrou algo, que examinou.

– Hum, ou é chocolate, ou é pele. Só tem um jeito de descobrir – declarou ela, enfiando a coisa na boca.

– Meu Deus! – exclamou Clara, se encolhendo. – Depois não sabe por que está solteira.

– Não sei nem quero saber – respondeu Myrna, sorrindo. – Não preciso de um homem para me sentir completa.

– Ah, é? E o Raoul?

– Ah, o Raoul... – disse a outra, com um ar sonhador. – Ele era um doce.

– Era um docinho de coco mesmo – concordou Clara.

– Aquele, sim, me completou. E foi muito além – debochou Myrna, dando um tapinha na barriga.

Uma voz afiada cortou a conversa:

– Olhem só isso!

Ruth Zardo estava parada no meio do bistrô erguendo um coelho de chocolate como se fosse uma granada. Feito com um denso chocolate amargo, ele tinha orelhas compridas, empinadas e alertas, além de um rosto tão real que Clara quase achou que o bicho fosse mexer os bigodinhos doces. Com as patas, ele segurava uma cesta feita de chocolate branco e ao leite, contendo uma dúzia de ovos lindamente decorados. Clara rezou para que Ruth não estivesse prestes a atirá-lo em alguém, pois era uma graça.

– É um coelho! – resmungou a poeta.

– Eu adoro carne de coelho – disse Gabri a Myrna. – Ainda mais se for carne de chocolate.

Myrna riu, mas se arrependeu na mesma hora. Ruth a encarou.

Clara se levantou e foi até ela cautelosamente, segurando o copo de uísque do marido como isca.

– Ruth, deixa o coelho em paz.

Era uma frase que ela nunca tinha dito antes.

– É um coelho! – repetiu Ruth, como se falasse com crianças com dificuldade de aprendizagem. – O que ele está fazendo com isso aqui? – perguntou ela, apontando para os ovos. – Desde quando coelhos botam ovos? – insistiu, encarando os moradores perplexos. – Vocês nunca pensaram nisso, não é? De quem eles pegam esses ovos? Provavelmente de galinhas de chocolate. O coelho deve ter roubado esses ovos de galinhas confeitadas que agora estão procurando os bebês delas. Desesperadas!

O engraçado é que, enquanto ela falava, Clara imaginava as galinhas de chocolate correndo de um lado para outro, loucas atrás dos seus ovos. Ovos roubados pelo coelhinho da Páscoa.

Então Ruth largou o coelho de chocolate, que se espatifou no chão.

– Ai, meu Deus! – exclamou Gabri, correndo para recolher os pedaços.

– Esse era para o Olivier!

– Sério? – disse Olivier, esquecendo que ele mesmo o havia comprado.

– Este é um feriado estranhíssimo – disse Ruth, em um tom sinistro. – Nunca gostei da Páscoa.

– E agora o sentimento é recíproco – comentou Gabri, segurando o coelho quebrado como se fosse uma criança ferida.

Ele é tão sensível, pensou Clara, não pela primeira vez. Gabri era tão grande e tão extravagante que as pessoas facilmente esqueciam seu lado

frágil. Até momentos como aquele, em que o viam aninhando com cuidado um coelhinho de chocolate moribundo.

– Como a gente comemora a Páscoa? – perguntou Ruth, arrancando o uísque de Peter da mão de Clara e virando tudo de um gole só. – A gente caça ovos e come pão doce com uma cruz em cima.

– A gente também vai à igreja – argumentou monsieur Béliveau.

– A *boulangerie* da Sarah fica muito mais cheia que a igreja – retrucou Ruth. – As pessoas compram pães decorados com um instrumento de tortura. Sei que vocês acham que eu sou louca, mas talvez eu seja a única pessoa sã por aqui.

E, com aquele comentário desconcertante, ela foi mancando até a porta, onde parou e se voltou novamente para eles.

– Não deem esses ovos de chocolate para as crianças. Algo ruim vai acontecer.

E, como Jeremias, o profeta que se lamentava, ela tinha razão. Algo ruim aconteceu.

No dia seguinte, os ovos haviam desaparecido. Só restavam os invólucros. No início, os moradores suspeitaram que as crianças mais velhas, ou talvez até Ruth, tivessem sabotado o evento.

– Vejam só isso – disse Peter, erguendo os restos retalhados de uma caixa que um dia abrigara um coelho de chocolate. – Marcas de dentes. E de garras.

– Então foi a Ruth – anunciou Gabri, pegando a caixa e a examinando.

– Olhem isso aqui! – exclamou Clara, correndo atrás de uma embalagem que o vento fazia voar pela praça. – Também está toda destruída.

Após passar a manhã caçando embalagens e limpando a sujeira, os moradores foram até o bistrô para se aquecer na lareira.

– Sério? – disse Ruth para Clara e Peter durante o almoço no bistrô. – Vocês não imaginaram que isso ia acontecer?

– Admito que agora parece meio óbvio – respondeu Peter, rindo, ao cortar seu *croque-monsieur* dourado, o camembert derretido mal mantendo juntos o presunto defumado em xarope de bordo e o croissant de massa delicada.

Ao redor dele, pais e mães ansiosos tentavam subornar as crianças chorosas com comida.

– Todos os animais selvagens em um raio de quilômetros devem ter apa-

recido aqui ontem à noite – disse Ruth, girando lentamente os cubos de gelo do uísque. – E comido ovos de Páscoa. Raposas, guaxinins, esquilos...

– Ursos – completou Myrna, sentando-se à mesa. – Nossa, que medo. Imagina todos aqueles ursos saindo da toca, famintos depois de passarem o inverno inteiro hibernando.

– E imagina a surpresa deles ao encontrar ovos e coelhos de chocolate – acrescentou Clara, entre colheradas de ensopado cremoso de salmão, vieiras e camarão. Ela pegou uma baguete crocante e arrancou um pedaço, espalhou a manteiga especial de Olivier e só então continuou: – Devem ter se perguntado que milagre aconteceu enquanto eles dormiam.

– Nem tudo que surge é um milagre – disse Ruth, erguendo os olhos do líquido âmbar que era seu almoço para olhar pelas janelas. – Nem tudo que volta à vida deveria voltar. Esta época do ano é estranha. Chove um dia, neva no outro. Nada é certo. Tudo é imprevisível.

– Todas as estações são imprevisíveis aqui no Canadá – argumentou Peter. – Furacões no outono, nevascas no inverno e por aí vai.

– Você só confirmou o que eu disse – comentou Ruth. – Nas outras estações, a gente sabe o que esperar. Na primavera, não. As piores enchentes acontecem nesta época. Incêndios florestais, geadas mortais, nevascas e deslizamentos de terra. É um caos na natureza. Tudo pode acontecer.

– Mas a primavera também tem os dias mais lindos – opinou Clara.

– É verdade, o milagre do renascimento. Parece que tem religiões inteiras baseadas nesse conceito. Mas é melhor que algumas coisas continuem debaixo da terra. – A velha poeta se levantou e terminou o uísque. – Isso ainda não acabou. Os ursos vão voltar.

– Eu também voltaria se de repente encontrasse um vilarejo inteiro feito de chocolate – disse Myrna.

Clara sorriu, mas seus olhos estavam em Ruth, que pela primeira vez não irradiava raiva nem irritação. Em vez disso, havia algo bem mais desconcertante na expressão dela.

Medo.

DOIS



RUTH ESTAVA CERTA. OS URSOS COMEÇARAM a aparecer todo ano atrás dos ovos de Páscoa. Nunca mais encontraram nada, é claro, até que desistiram e preferiram ficar no bosque ao redor de Three Pines. Os moradores logo aprenderam a não fazer longas caminhadas por ali na época da Páscoa e a nunca, jamais, se aproximar de um ursinho recém-nascido e sua mãe.

É tudo parte da natureza, dissera Clara a si mesma. Mas continuava com a pulga atrás da orelha. De certa forma, eles mesmos tinham causado aquilo.

Mais uma vez, Clara se via ajoelhada na terra, agora com os lindos ovos de madeira que substituíam os verdadeiros. Tinha sido ideia de Hanna e Roar Parra. Originários da República Tcheca, eles tinham familiaridade com a tradição de ovinhos pintados.

Ao longo do inverno, Roar esculpia os ovos e Hanna os entregava a quem tivesse interesse em pintá-los. Em pouco tempo, gente de toda parte de Cantons de l'Est estava pedindo ovos. As crianças os usavam em trabalhos de artes da escola, os pais redescobriam talentos adormecidos e os avós retratavam cenas da juventude. Após passarem todo o inverno pintando, na Sexta-Feira Santa eles começavam a escondê-los. E, uma vez encontrados, as crianças trocavam a recompensa de madeira pelo ovo real. Ou melhor, pelo de chocolate.

– Ei, vejam isso! – gritou Clara, junto ao lago da praça.

Monsieur Béliveau e Madeleine Favreau foram até lá. Béliveau se abaixou, quase dobrando ao meio o corpo longo e esguio. Ali, na grama alta, havia um ninho com ovos.

– São de verdade – disse ele, rindo e afastando a grama para mostrá-los a Madeleine.

– Que lindeza! – disse Ma, estendendo a mão.

– *Mais, non* – advertiu ele. – A mãe vai rejeitar os filhotes se você tocar neles.

Ma afastou a mão imediatamente e olhou para Clara com um sorriso largo.

Clara sempre gostara de Madeleine, embora elas não se conhecessem muito bem. Ma vivia na área fazia poucos anos. Era um pouco mais nova que Clara e muito animada. Tinha uma beleza natural, cabelos curtos e escuros e olhos castanhos com um ar inteligente. Parecia estar sempre se divertindo. *E por que não?*, pensou Clara. Depois de tudo pelo que ela havia passado.

– São ovos de qual animal? – perguntou Clara.

Madeleine fez uma careta e deu de ombros. Não fazia ideia.

De novo, monsieur Béliveau se dobrou com um movimento gracioso.

– Não são de galinha. *Trop grands*. Talvez de pato ou ganso.

– Seria divertido – comentou Madeleine. – Ter uma família dessas na praça. – Ela se virou para Clara. – A que horas é a sessão espírita?

– Você vai? – perguntou Clara, surpresa, embora encantada. – Hazel também?

– Não, ela não quer ir. Sophie chega amanhã de manhã, e Hazel disse que precisa cozinhar e fazer faxina, *mais, franchement?* – disse Madeleine, inclinando-se para ela de maneira conspiratória. – Eu acho que ela tem é medo de fantasmas. Monsieur Béliveau concordou em ir.

– Mas a gente tem que agradecer a Hazel por ficar para cozinhar – disse ele. – Ela fez um ensopado incrível.

Aquilo era a cara de Hazel, pensou Clara. Sempre cuidando dos outros. Clara tinha receio de que as pessoas tirassem vantagem de sua generosidade, principalmente aquela filha dela. Porém, também sabia que aquilo não era da sua conta.

– Mas a gente tem muito trabalho a fazer antes do jantar, *mon ami* – declarou Madeleine, abrindo um sorriso radiante para monsieur Béliveau e tocando de leve o ombro dele.

O homem sorriu. Desde que a esposa morrera, ele não sorria muito, e Clara teve mais uma razão para gostar de Madeleine por conseguir isso. Ela

os observou pegarem as cestas de ovos de Páscoa e caminharem ao sol do fim de abril, a mais jovem e terna das luzes iluminando o mais jovem e terno relacionamento. Alto, magro e ligeiramente encurvado, monsieur Béliveau parecia ter molas nos pés.

Clara se levantou, espreguiçou o corpo de 48 anos e olhou em volta. A praça parecia um campo de *derrières*. Todos os moradores estavam abaixados, escondendo ovos. Era uma pena ela não estar com o caderno de desenho.

Three Pines definitivamente não era estilosa, descolada, vanguardista ou qualquer uma das coisas que importavam para Clara na época em que ela se formara em Belas-Artes, 25 anos antes. Nada ali havia sido projetado. O vilarejo parecia ter seguido o exemplo dos três pinheiros da praça e simplesmente brotado da terra ao longo do tempo.

Clara inspirou o ar perfumado da primavera e olhou para a casa que dividia com Peter. Era uma construção de alvenaria com um alpendre de madeira e um muro de pedras brutas, com vista para a praça. Um caminho serpenteava do portão até a porta, passando por macieiras prestes a florescer. Dali, os olhos de Clara vagaram pelas construções ao redor da praça. Assim como os moradores, as casas de Three Pines eram fortes e moldadas pelo ambiente. Havia resistido a tempestades e guerras, perdas e pesares. E o que havia emergido disso tudo tinha sido uma comunidade de imensa bondade e compaixão.

Clara amava aquele lugar. As casas, as lojas, a praça, os jardins perenes e até as ruas de terra com ondulações. Amava o fato de Montreal ficar a menos de duas horas de carro e de a fronteira com os Estados Unidos estar logo ali. Mas, acima de tudo, amava as pessoas que agora passavam aquela e todas as outras Sextas-Feiras Santas escondendo ovos de madeira para as crianças.

Era uma Páscoa tardia, quase no fim de abril. Eles nem sempre tinham tanta sorte com as intempéries. Pelo menos uma vez, a comunidade havia acordado no domingo de Páscoa e se deparado com uma camada grossa de neve de primavera, que enterrava os brotos e os ovos pintados. Muitas vezes a Páscoa era tão gelada que os moradores tinham que se enfiar no bistrô de vez em quando para tomar uma sidra ou um chocolate quente, envolvendo as canecas mornas e convidativas com os dedos congelados e trêmulos.

Mas não aquele dia. Havia certa glória naquele dia de abril. Era uma Sexta-Feira Santa perfeita, ensolarada e de calor agradável. A neve tinha desaparecido, mesmo nas sombras, onde geralmente se demorava. A grama estava crescendo e as árvores tinham uma suave auréola verde. Era como se a aura de Three Pines de repente tivesse se tornado visível. Tudo estava envolto em uma luz dourada com bordas verdes cintilantes.

Bulbos de tulipa começavam a despontar da terra e logo a praça seria inundada por flores primaveris, jacintos azul-escuros, narcisos alegres balançando ao vento, galantes e cheirosos lírios-do-vale, que encheriam a cidade com perfume e encanto.

Naquela Sexta-Feira Santa, Three Pines cheirava a terra fresca e promessas. E talvez a uma ou duas minhocas.

– PODE FALAR O QUE QUISER, eu não vou.

Clara ouviu o sussurro agressivo e resoluto. Estava agachada de novo, perto da grama alta do lago. Não conseguia ver de quem era aquela voz, mas notou que a pessoa devia estar logo do outro lado da grama. Era uma voz feminina e falava francês, mas de um jeito tão tenso e chateado que não dava para identificá-la.

– É só uma sessão espírita – disse uma voz masculina. – Vai ser divertido.

– Pelo amor de Deus, é um sacrilégio. Uma sessão espírita na Sexta-Feira Santa?

Houve uma pausa. Clara estava desconfortável. Não por ouvir a conversa alheia, mas porque começava a ter câibra nas pernas.

– Fala sério, Odile, você nem é religiosa. O que pode acontecer de mau? Odile? A única Odile que ela conhecia era Odile Montmagny. E ela era... A mulher sibilou:

O regelo invernal e os insetos

Primaveris deixarão sua marca

Tal como o dissabor abjeto

Da criança, do jovem, do patriarca.

Fez-se um silêncio estupefato.

... *uma péssima poeta*, completou Clara em pensamento.

Odile tinha declamado o poema solenemente, como se as palavras transmitissem algo além da evidente falta de talento da poeta.

– Eu vou estar do seu lado – disse o homem.

Agora Clara sabia quem era ele: o namorado de Odile, Gilles Sandon.

– Por que você quer tanto ir, Gilles?

– Porque vai ser divertido.

– É porque ela vai estar lá?

Fez-se um novo silêncio, exceto pelos protestos das pernas de Clara.

– Ele também vai estar lá, sabia? – pressionou Odile.

– Quem?

– Você sabe muito bem. Monsieur Béliveau – disse Odile. – Estou com um mau pressentimento, Gilles.

Mais uma pausa. Então Gilles falou com uma voz grave e controlada, como se estivesse fazendo um esforço imenso para sufocar qualquer tipo de emoção:

– Não se preocupe. Eu não vou matá-lo.

Clara já tinha esquecido completamente as pernas. Matar monsieur Béliveau? Quem cogitaria uma coisa dessas? O velho dono da mercearia nunca tinha sequer dado troco a menos. O que Gilles Sandon poderia ter contra ele?

Ela percebeu que os dois se afastavam e, um pouco dolorida, levantou-se e os observou: Odile tinha o corpo em formato de pera e andava como uma pata, e Gilles parecia um imenso urso de pelúcia, com sua característica barba ruiva visível mesmo de costas.

Clara olhou para os ovinhos de madeira que segurava. As cores alegres tinham manchado suas mãos.

De repente, a sessão espírita – que parecera uma ideia divertida alguns dias antes, quando Gabri colocara o aviso no bistrô anunciando a chegada da famosa médium Isadore Blavatsky – passou a lhe causar uma sensação diferente. Em vez de uma alegre expectativa, Clara agora sentia medo.

CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE

Natureza-morta
Graça fatal
O mais cruel dos meses

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

